



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CCHA – CAMPUS IV - DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**INTERTEXTUALIDADE E LITERATURA INFANTIL: leitura de “Os músicos de
Bremen” e *Os colegas***

AMANDA DA SILVA ALVES

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2014**

AMANDA DA SILVA ALVES

INTERTEXTUALIDADE E LITERATURA INFANTIL: leitura de “Os músicos de Bremen” e *Os colegas*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Prof.^aDr.^a Vaneide Lima Silva.

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586i Alves, Amanda da Silva
Intertextualidade e literatura infantil: [manuscrito] : leitura de
"os Músicos de Bremen" e Os Colegas / Amanda da Silva Alves. -
2014.
28 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e
Agrárias, 2014.
"Orientação: Vaneide Lima Silva, Departamento de Letras e
Humanidades".

1.Narrativa infantil. 2.Personagens. 3.Intertextualidade. I.
Título.

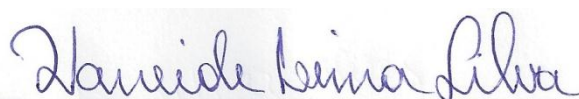
21. ed. CDD 372.4

INTERTEXTUALIDADE E LITERATURA INFANTIL: leitura de “Os músicos de Bremen” e *Os colegas*

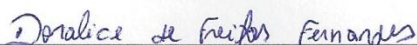
AMANDA DA SILVA ALVES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Letras.

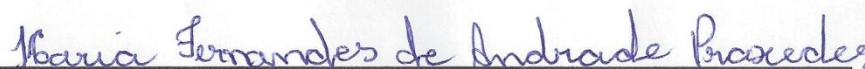
APROVADO EM: 27 / 11 / 2014.



Prof^ª. Dr^ª. Vaneide Lima Silva
Orientadora - UEPB/CAMPUS IV



Prof^ª.Ms. Doralice Freitas Fernandes
Examinadora- UEPB/CAMPUS IV



Prof^ª.Ms. Maria Fernandes Praxedes
Examinadora - UEPB/CAMPUS IV

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, pelo dom da vida; à minha mãe, Ambrosina Gercina da Silva Alves, que é a inspiração dos meus dias.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado o dom da vida e aos meus familiares, que sempre me apoiaram.

Especialmente à minha mãe, Ambrosina Gercina da Silva Alves, que sempre esteve ao meu lado em todas as situações, aguentando meus dias de estresses com muita paciência e não deixando que nada me abatesse. Ela sempre acreditou no meu potencial, me transmitindo muito amor e principalmente por ser minha musa inspiradora, minha companheira de todos os momentos.

Ao meu pai, Benedito Linhares Alves, pelo companheirismo e força que a mim concedeu, pelas lições de vidas ensinadas. Obrigada por tudo.

Aos meus dois filhos João Pedro e João Paulo que pelo pouco tempo que estiveram comigo alegraram os meus dias e hoje estão no céu sendo meus dois anjinhos, abençoando e protegendo minha vida.

Ao meu marido Júnior, pelo amor, força e paciência, bem como pela compreensão nessa minha jornada.

Também quero agradecer aos meus irmãos Antônio, Amy, André, Adriana e Andréia, pela admiração e carinho dedicados a mim.

Aos meus sobrinhos Carla Beatriz, Ana Carolyn, Davyd Emanuel e Victor Gabriel, por fazerem parte da minha vida, transbordando meus dias de muita alegria, carinho e amor.

A minha orientadora, Vaneide Lima Silva, pelas orientações, pelo apoio, as contribuições teóricas e sua confiança. Obrigada por tudo, pois você foi uma peça fundamental no meu trabalho.

Não poderia deixar de agradecer a minha amiga, colega e companheira Camila Veríssimo, que me serviu de porto seguro em todas as horas que precisei me revelando uma grande amizade e paciência. Esses quatro anos me serviram por uma vida inteira, por estar tão presente na minha vida.

Em memorial da minha avó Francisca Linhares, uma mulher muito admirável, meu carinho por ti é infinito, num tenho nem palavras para expressar meu amor. Pois faz pouco tempo que partiste para a eternidade.

*A compaixão para com os animais é das
mais nobres virtudes da natureza
humana.*

CHARLES DARWIN

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar o conto “Os músicos de Bremen”, dos Irmãos Grimm e a narrativa infantil *Os colegas*, de Lygia Bojunga Nunes, procurando mostrar a intertextualidade verificada entre os dois textos. Para tanto, serão identificados e caracterizados os personagens dessas narrativas, evidenciando os pontos de aproximação e distanciamento entre os mesmos. O contraponto entre as duas narrativas possibilita afirmar que o conto “Os músicos de Bremen” sugere uma reflexão em torno do abandono dos animais e do lugar ocupado pelo velho na sociedade, além de abordar temas como a amizade e a afetividade nos relacionamentos humanos. A narrativa de Lygia Bojunga Nunes, *Os colegas*, também discute a falta de afetividade e a banalização dos relacionamentos humanos, justificando-se, assim, o contraponto entre ambas as narrativas. Para fundamentação do estudo, recorreu-se aos trabalhos de Cademartori (2006), Cunha (1986), Coelho (2010), dentre outros autores.

Palavras-chave: Narrativa infantil. Personagens. Intertextualidade.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo evidenciar a intertextualidade percebida entre o conto “Os músicos de Bremen” dos irmãos Grimm e a narrativa *Os colegas*, de Lygia Bojunga Nunes. Esperamos, assim, mostrar os pontos de distanciamento e aproximação entre as obras, sem deixar de destacar a reflexão que os textos propõem em torno do lugar que o velho ocupa na sociedade, bem como acerca do abandono enfrentado pelos animais, temáticas recorrentes nos textos selecionados para o desenvolvimento desse estudo, os quais também apontam para a falta de afetividade nos relacionamentos humanos, explicitando ainda o valor da amizade.

Para tanto, serão analisados os personagens principais dessas narrativas, sem que, para tanto, façamos opção por uma vertente de crítica literária. Nossa atenção se voltará para a construção do enredo das narrativas, buscando apoio em leituras que situam o lugar da Literatura Infantil no contexto da produção literária brasileira, apontando suas fontes iniciais, de modo que o leitor tenha uma rápida visão panorâmica do surgimento da Literatura Infantil no Brasil.

Também consideramos importante destacar a importância que a obra de Monteiro Lobato, voltada para o público infantil, teve sobre a boa produção de obras literárias no país, ainda buscamos apontar alguns aspectos teóricos sobre a intertextualidade, para, num terceiro momento, nos determos na leitura mais verticalizada da narrativa de Bojunga em contraposição ao conto de Grimm, detendo-nos para isso, na construção do enredo de cada narrativa. Por fim, identificar a relação intertextual entre as narrativas.

Acreditamos que a nossa leitura possa contribuir para a ampliação dos estudos em torno da obra dos autores aqui abordados, especialmente Lygia Bojunga Nunes, cuja obra vem cada vez mais alcançando um lugar de destaque no contexto da produção literária voltada para o público juvenil no país. O simbolismo da linguagem da autora reflete um trabalho de qualidade com a palavra em seus textos, que se destacam também pelo ludismo poético que garante leveza e fantasia às suas narrativas.

1.SOBRE A LITERATURA INFANTIL: fontes iniciais e situação atual

A história da literatura infantil não é muito extensa, pois começa a delinear-se no século XVIII, período em que a criança começa a ser diferenciada do adulto, pelas características e também necessidades próprias. Segundo Cunha (1986), antes dessa diferenciação as crianças tinham a participação na vida e na literatura dos adultos. Sendo assim, as crianças da nobreza, orientadas por preceptores, liam os grandes clássicos, enquanto as crianças das classes desprivilegiadas liam ou ouviam as histórias de cavalaria, as aventuras.

A literatura infantil surge ligada a pedagogia e ainda de acordo com Cunha, fica evidenciada a estreita ligação da literatura infantil com a pedagogia quando se vê em toda a Europa a importância que assumem os grandes educadores da época, na criação de uma literatura para crianças e jovens.

Ainda de acordo com Cunha, existiu uma procura para adequar uma literatura apropriada para infância e juventude, ou seja, a busca de algo que aproxime das leituras dos pequenos. Foi o que fizeram escritores como Perrault e os irmãos Grimm, que reuniram histórias folclóricas e as direcionavam ao público

infantil. Seus contos constituem, assim, a gênese inicial de uma literatura que se voltaria para esse público. Além dos irmãos Grimm, outros autores se tornaram importantes: Andersen, Carlo Collodi, Amicis, Lewis Carroll, J. M. Barrie, Mark Twain, Charles Dickens, Ferenc Molnar.

Segundo Cunha essa leva de autores constitui a gênese da Literatura Infantil, conforme declara a autora a seguir:

Essa fase embrionária da literatura infantil brasileira é representada em especial por Carlos Jansen (*contos seletos das mil e uma noites, Robinson Crusóé, As viagens de Gulliver a terras desconhecidas*), Figueiredo Pimentel (*Contos da carochinha*), Coelho Neto e Olavo Bilac (*Contos pátrios*) e Tales de Andrade (*Saudade*). (1986, p. 20)

No Brasil a Literatura Infantil brasileira surgiu com Monteiro Lobato, que cria uma literatura em torno de personagens adultos, crianças e animais que o notabiliza. Tais personagens protagonizam um universo de fantasia tipicamente infantil, que encanta pelo dinamismo da linguagem, nível de inventividade e qualidade literária dos textos.

Segundo Cademartori (2006) Lobato cria uma obra extensa e variada, além de fazer adaptações de obras como *Peter pan* e *Pinóquio*. O paulista de Taubaté abriu caminhos para vários escritores habilidosos, que estão criando obras direcionadas a crianças, a exemplo de Ana Maria Machado, Ruth Rocha e Lygia Bojunga Nunes, portanto Lobato torna-se conhecido como o criador dessa literatura, pois acaba se transformando num formador de interação com o público. Ainda de acordo com Cademartori, no Brasil surgiram duas culturas: uma européia e a outra nativa. Lobato encontra o exótico no Brasil, ele reparte o que é do nosso país e as contribuições trazidas pelo estrangeiro. Fazendo uma ligação entre o social e a literatura, pois o escritor apresenta o seu olhar crítico perante os problemas da sociedade brasileira. Ele mostra o nacional, escandalizando, mas sendo também considerado como a vanguarda brasileira, uma vez que se diferenciava dos demais pelo seu poder de inovar. De acordo com Cademartori:

O revolucionário na obra de Lobato ganha maior abrangência na literatura infantil que ele inaugura entre nós. Rompendo com os padrões prefixados do gênero, seus livros infantis criam um mundo que não se constitui num reflexo do real, mas na antecipação de uma realidade que supera os conceitos e os preconceitos da situação histórica em que é produzida. O esforço de compreensão crítica do passado permite, em suas histórias, um redimensionamento do presente que, por sua vez, torna possível a prospecção, ou seja, o olhar para o futuro. (CADEMARTORI, 2006, p. 49- 50).

A preocupação social de Lobato evidenciaria um cuidado maior com o leitor, possibilitando novas experiências da realidade. Sua obra mostra a interpretação da realidade, mas também deixa aberta a interpretação do próprio leitor.

Sob a perspectiva de Cademartori, nos personagens que foram criados por Monteiro Lobato são ressaltadas a valorização da inteligência e espertezas, que são as características marcantes nas suas obras, como por exemplo, no Sítio do Pica Pau Amarelo a boneca Emília, uma das suas personagens, é marcada por uma grande esperteza apresentada no decorrer da obra.

Ainda há quem trate a literatura infantil como um gênero menor, mas essa realidade vem paulatinamente mudando. De modo que podemos afirmar hoje que temos obras nos vários gêneros literários de qualidade para oferecer ao público infantil. Lobato influenciou muita gente que acabou se identificando com esse público e cuja obra já alcança um destaque internacional. Ana Maria Machado e Lygia Bojunga Nunes têm seus livros traduzidos para várias línguas, por exemplo. Além de vários outros escritores em outros gêneros. Afinal, a boa literatura infantil, conforme observa Cunha tende a abrir os horizontes do seu público, como o faz a literatura em geral. Daí ser fundamental a sua presença no contexto da escola. Segundo Cunha:

A literatura infantil enquanto manifestação artística não é traição: apesar de ser sempre adulto a falar à criança, se ele for realmente artista, seu discurso abrirá horizontes, proporrá reflexão e recriação, estabelecerá a divergência, e não a convergência (CUNHA, 1986, p. 23).

A autora ainda chama a atenção para as particularidades que a obra literária infantil deve considerar se quiser atingir ou despertar o interesse do seu leitor. A autora faz a seguinte ressalva em relação às obras que hoje são tomadas como infantis, mas que na sua origem não lhes foram destinadas:

Podemos chegar a duas conclusões: se as crianças se prendem a apenas algumas das histórias para adultos que lhes chegaram às mãos ou aos ouvidos, parece-nos lícito afirmar que existem determinadas características importantes para o gosto infantil. E se o adulto também lê com interesse a obra infantil, ela deixou de ter um leitor “transitório” apenas (CUNHA, 1986, p.24).

Segundo Cunha a literatura infantil é considerada a mesma dos adultos, o que difere apenas é a sua concepção. O otimismo, as narrativas de caráter alegre agradam bastante as crianças, tornando-se muito importante para o desenvolvimento da criança.

Outro aspecto importante, de acordo com Cunha, diz respeito ao seguinte:

Para as muito pequenas, que não sabem ler, ou lêem pouco o desenho das palavras é desagradável, exatamente porque não significa nada para elas. Um livro sem ilustrações nada lhes diz, e as impressiona muito mal. Para essas crianças, em quem queremos desenvolver o interesse pelas histórias, em geral lidas para elas, é importante a gravura: deve, nesse caso, prevalecer a ilustração. O texto deve ser pequeno (e bom, já se sabe) para conduzir quase à observação das figuras. (CUNHA, 1986, p. 60).

O dinamismo da linguagem também constitui outro fator importante, daí porque os textos cheios de diálogos e aventuras costumam agradar muito ao leitor em formação, uma vez que essa diversão reflete o dinamismo típico da infância. Quanto a esse aspecto, vale lembrar que a criança é inquieta por natureza. Por isso, quanto mais dinâmica mais tende a interessar aos pequenos leitores.

Cademartori (2006) também chama a atenção para o adjetivo que qualifica a literatura para crianças e explica:

A principal questão relativa à literatura infantil diz respeito ao adjetivo que determina o público a que se destina. A literatura, enquanto só substantivo, não predetermina seu público. Supõe-se que este seja formado por quem quer que esteja interessado. A literatura com adjetivo, ao contrário, pressupõe que sua linguagem, seus temas e pontos de vista objetivam um tipo de destinatário em particular, o que significa que já se sabe, *a priori*, o que interessa a esse público específico (CADEMARTORI, 2006, p. 8).

Outra consideração importante que a autora faz diz respeito ao papel da literatura infantil. Segundo Cademartori, não podemos esquecer seu lugar de

destaque no contexto da produção nacional. Sua evolução tem a ver com o processo de democratização porque passa o país:

[...] a literatura infantil ocupa, hoje, no Brasil, e sua relação direta com o processo de democratização por que passa o país, uma vez que se liga com a preocupação de formar gerações capazes de pensamento crítico e de superar os limites das experiências já adquiridas. (CADEMARTORI, 2006, p. 20).

Nesse sentido, pode-se afirmar que a literatura tem uma função social a cumprir e isso se dá na medida em que colocamos o leitor em contato com obras de qualidade, que proporcione reflexão e gere o debate. No que se refere a esse aspecto, a nossa escola ainda há muito que melhorar para atingir seus objetivos e formar leitores do texto literário, pois a grande maioria delas se limita apenas a abordagem dos fragmentos presentes nos livros didáticos, os quais, por sua vez, são considerados insuficientes. A escola ainda carece de professores identificados com a leitura do texto literário, mas essa reflexão motivaria outro estudo. Vamos ao que interessa nesse momento.

2.A NARRATIVA PARA CRIANÇAS: aspectos teóricos

De acordo com Cunha (1986), a narrativa infantil não abre mão do dramático e da movimentação nas suas obras. A criança se interessa por algo novo e que seja bastante atrativo. Ela encontra isso nos livros infantis. Para que o autor dessas narrativas voltadas para crianças sejam bem sucedidos, eles precisam utilizar de descrições pequenas, pois as longas podem cansar os pequenos leitores.

A autora também acredita que a apresentação dos personagens nas obras deve se dá por meio de um discurso direto, ou seja, com relação às falas e aos pensamentos dos personagens, a melhor apresentação é através do discurso direto. O diálogo torna-se bastante necessário na medida em que atualiza a cena, presentifica os fatos, envolve mais facilmente o leitor que o discurso indireto, que fica a cargo do narrador.

Quanto aos personagens presentes na obra, deve-se estar atento à quantidade, a maneira como vão aparecer, as diferenças existentes entre eles,

sendo muito importante mostrar essas características dentro da obra. Ainda segundo Cunha:

(...) é importante a narrativa linear, com tempo cronológico (e não psicológico), sem cortes e voltas ao passado (*flash-back*) ou a cenas paralelas, sem “fluxos de consciência”. Os recursos narrativos mais adequados à criança costumam formar o conto ou o romance de ação, nos quais predomina a intenção de distrair, sem outro compromisso que o de narrar uma história interessante. (CUNHA,1986, p.77).

Para tornar a narrativa infantil mais interessante, ou melhor, dinâmica para a criança, é importante ter um final que seja do agrado delas. Não necessariamente deve ter o final feliz, mas sim bem agradável e que não desenvolva amargura no final das histórias.

Vale lembrar que as crianças devem conhecer e conviver com vários tipos de obras literárias e devem fazer suas próprias escolhas. Deve-se manter equilibradas as leituras, ou seja, quanto mais variada a quantidade de obras melhor as possibilidades de os jovens leitores desenvolverem o gosto e o interesse pela leitura, especialmente a leitura de obras literárias. Para isso, há que se variar em quantidade e gêneros literários.

2.1 Algumas considerações sobre intertextualidade

Para Nitrini (1997, p.158): “a intertextualidade se insere numa teoria totalizante do texto englobando suas relações com o sujeito, o inconsciente e a ideologia, numa perspectiva semiótica”.

Dessa forma, observa-se que o sujeito sempre se aproveita do que já foi feito como conhecimento prévio em favor da sua própria produção. Os textos mantêm um vínculo entre si através da intertextualidade, ou seja, um texto se incorpora a outro para modificá-lo ou para produzir novos significados. Vale ressaltar que o precursor desses estudos foi Bakhtin, e Júlia Kristeva foi a grande divulgadora deles. É dela o conceito clássico de intertextualidade citado por Nitrini:

Todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se o da intertextualidade e a linguagem poética lê-se pelo menos, como *dupla*. (NITRINI, 1997, p.161).

Assim sendo, cada texto poético está exposto à criação e recriação dos leitores. A intertextualidade se dá na produção e na recepção de uma infinidade cultural a que todos têm acesso: filmes retomam filmes, propagandas se utilizam de recursos artísticos, poemas e poesias retomam versos e textos alheios, tudo isso que se caracteriza como diálogo entre textos é a intertextualidade. De acordo com Teles (1979, p. 21-30), “imitações, alusões, paráfrases, paródias, epígrafes, entre outras formas, constituem-se como intertextualidade, que corresponde a um recurso de que os autores utilizam na sua produção literária, mantendo um diálogo com a tradição”.

Segundo Walty (1996) a intertextualidade ocorre quando acontece uma penetração de um texto com os outros permitindo assim um diálogo entre eles, de tempos e lugares iguais ou diferentes. Então o texto continua sendo divertido, mantêm-se uma relação de conjunto entre o intertexto, a construção do texto como um todo e o texto.

Segundo Walty:

Assim como um texto se inter-relaciona com outros, no momento da produção, o texto lido também se relaciona com outros, no momento da recepção. Faz-se, pois, necessário, pensar em como se dá o processo intertextual na recepção, ouvindo a leitura de outras pessoas, inclusive a de nossos alunos. [...] o leitor projeta sobre o que lê sua vivência, seus anseios, seus temores. (WALTY, 1996, p. 37-38).

Através da intertextualidade o leitor mostra a sua capacidade de dinamismo, seu jeito divertido, aproximando dos personagens da história e criando novas opções de leitura e escrita, afinal, de acordo com Walty (1996, p.39) “os fios da meada são longos e (dês) tecê-los é uma atividade prazerosa e fértil, atividade da qual a escola não se deve furtar.”

3. A INTERTEXTUALIDADE ENTRE OS “MÚSICOS DE BREMEN” E OS COLEGAS

3.1 Conhecendo o enredo do conto dos Irmãos Grimm

O conto “Os músicos de Bremen” narra a história de animais que estavam ficando velhos e seus donos queriam desfazer-se deles. O enredo é iniciado quando o dono de um burro viu que ele estava ficando velho e precisava sacrificá-lo, então o burro resolveu fugir e ir tocar em uma banda na cidade de Bremen. No meio do caminho ele se depara com outros animais: um cachorro, um gato e um galo que estavam na mesma situação. O burro os convida a se juntar para irem formar uma banda em Bremen.

Ao longo do caminho, quando chegam a um determinado lugar, cansados, não aguentando mais, resolvem passar a noite por ali perto de uma casa e cada um dos músicos procuram o lugar adequado para passar a noite. Então começam a ouvir umas conversas, resolvendo assim entrar na casa e pegarem o que tem nela. Mas quem estavam lá eram uns bandidos, que, assustados começam a correr abandonando a casa. Os animais iniciam um banquete com aquela comida, depois que todos terminam de jantar vão se deitar.

Os bandidos percebendo que estava tudo calmo na casa, resolvem pedir para que um deles observe o que está acontecendo ali. Ao entrar, os bichos fazem um medo enorme ao bandido que sai correndo e diz ao seu chefe que a casa foi invadida. Segundo Grimm:

Nossa casa foi tomada por uma terrível feiticeira que soprou em mim e rasgou meu rosto com seus dedos pontudos. Junto à porta tem um homem armado com uma faca, que me deu um golpe na perna; fora, no pátio, há um monstro preto que me acertou uma cacetada; e no alto do telhado tem um juiz que começou a gritar: “Tragam aqui esse delinqüente!”.(GRIMM, 2000, p.4).

Dali por diante os ladrões não tiveram mais coragem de entrar naquela casa que foi habitada pelos músicos de Bremen, onde decidem ficar por ali mesmo.

O conto, portanto mostra um enredo linear, de uma apresentação dinâmica no decorrer do início ao fim da narrativa. Apresentando uma linguagem clara e sem rodeios, tendo sua estrutura similar ao de contos de fadas.

3.2. Desvendando as aventuras de *Os colegas*

O enredo do livro *Os colegas* inicia-se com dois cachorros revirando uma lata de lixo, um falando para o outro largar o osso que já tinha dono e estava disposto a brigar, quando passa ali um garoto assobiando um samba e eles param de brigar. Prestando atenção no samba, começam a cantar, resolvendo mostrar seu cantarolado para todo mundo.

Um dia quando estavam na praia os dois cachorros que se chamavam Virinha e Latinha, que agora estavam amigos por causa do gosto pelo samba, apareceu à cadelinha Flor correndo cansada. Achando que estava livre de sua dona, se junta aos outros cachorros que a levaram para um terreno baldio, cheio de entulhos, onde seria sua nova casa. Em um determinado dia os três amigos, a cadelinha e os dois cachorros, foram se abrigar em um banco da praça para passar uma chuva, encontraram o Ursíssimo Voz de Cristal, que tinha uma voz tão fina como uma agulha. Ao saber que flor estava escondendo-se, ele também diz que fugiu do jardim zoológico. Dias depois foram ao circo e logo em seguida, depois de observar o espetáculo, foram para casa quando estavam conversando, escutam uma voz reclamando da vida. Depararam-se com um coelho que lhe chamaram de Cara-de-Pau e este começa a contar sobre sua vida, resolvendo morar juntamente com eles.

Chega o carnaval e todos produzem suas fantasias para saírem no bloco dos palhaços. Cada um se empenhou com seus enfeites carnavalescos para que as pessoas se encantassem com suas belezas e graças, fazendo muito sucesso com seus sambas, se exibindo nas ruas, mostrando os seus encantos e deixando as pessoas admiradas com o bloco dos palhaços.

Mais tarde, no término do carnaval, começa uma grande confusão: a carrocinha leva os dois cachorros (Virinha e Latinha) e os outros amigos tentam resolver a situação. Buscando qualquer alternativa que seja para poder livrar Virinha

e Latinha da cadeia e que tudo volte a ser como era antes. Tempos depois, com a situação resolvida, os colegas que foram separados unem-se novamente com ajuda dos Tatuzinhos Garcia e do pombo João Carlos. Para tanto, os colegas, que foram unidos novamente, pensam no que vão fazer da vida.

Surge a idéia de irem pedir emprego para trabalharem no circo em troca de proteção, comida e um lugar para morar. Eles decidem mostrar o que sabem fazer, expondo uma breve exposição do seu espetáculo. O dono do circo, gostando da apresentação deles, decide contratá-los. Chegando o grande dia da estréia, os cinco amigos fizeram um admirável espetáculo deixando assim todos felizes, conforme observa no fragmento abaixo:

Com tanta emoção nem conseguiram dormir direito naquela noite. Assim que o dia clareou, saíram pra espalhar a novidade, e convidar amigos e conhecidos pra estréia. (...) Depois foi aquele sucesso que todo mundo se viu, que se comentou por toda a parte, que saiu escrito em jornal, falado no rádio e mostrado na televisão. Quando os cinco acabaram de apresentar o número, o circo quase veio abaixo com tanta palma e pedido de bis. E no fim do espetáculo, todo aquele pessoal que lotava o circo fez fila pra ir cumprimentar a turma e dar os parabéns. (NUNES, 1991, p. 87-91).

Nota-se que a apresentação dos animais no circo foi um grande sucesso, todos ficaram bastante impressionado com aquele espetáculo. Portanto *Os Colegas* foram dormir muito alegres.

Atentando para a estrutura de *Os colegas*, percebemos que a narrativa apresenta começo, meio e fim, assim como ocorre com os contos de fadas. Sendo assim, podemos dizer que estamos diante de um enredo linear e a linguagem do livro pode ser caracterizada por uma linguagem clara, simples sem rodeios e rebuscamentos. O seu desenvolvimento se dá de forma dinâmica, aspecto que se confirma através de diálogos, aspectos primordiais quando se trata de narrativas para um público em formação.

3.3 Comparando as narrativas dos Irmãos Grimm e Bojunga

Com relação aos personagens do conto “Os músicos de Bremen”, temos o burro, que é o primeiro personagem apresentado. Trata-se de um animal que está

cansado, pois já se encontra bastante velho, é alto, mostra-se ser de grande inteligência, portanto, ele é quem decide ser músico e ir tocar em uma banda na cidade de Bremen. Podemos observar essa inteligência neste trecho da obra que tocará lira na banda de Bremen, observe: “Disse o asno. Estou indo para Bremen para entrar na banda da cidade. Venha comigo, você também pode virar músico eu toco lira e você bate os címbalos.” (GRIMM, 2000, p.1)

Temos também o cachorro de caça que tinha dificuldade de latir, estava muito velho, bastante fraco e iria para Bremen bater címbalos juntamente com o asno, por não está mais apto para poder caçar juntamente com o dono nas noites. Antes que fosse morto, saiu de casa para poder esconder-se.

Já o gato que aparece na narrativa gostava de rosnar atrás do fogão, tinha unhas muito afiadas, cansado de caçar ratos, com dentes gasto e já velho, fugindo da sua dona para não ser morto de afogamento.

Por fim temos um galo cantador, caracterizado pelo narrador com uma voz maravilhosa, que ficava cantando no poleiro. Quando ele se sentiu ameaçado por sua dona de ir para panela, resolve escapar juntamente com os demais animais para Bremen.

Uma característica muito comum entre os personagens é o fato de todos apresentarem uma vontade enorme de viver, pelo comportamento de fugirem para não serem mortos pelos donos.

Um dos aspectos a ser observado no conto de Grimm diz respeito à inteligência dos personagens. Isso pode ser observado quando, por exemplo, os outros animais convidam o galo para seguir em busca de uma vida nova, conforme se verifica neste trecho:

É melhor ir conosco crista vermelha! Estamos indo para Bremen, e de todo modo. Lá ou em qualquer outro lugar, qualquer coisa é melhor que a morte. Você tem uma voz e tanto: imagine a maravilha que vai ficar a música da gente!(GRIMM, 2000, p.2).

Já como personagens principais da narrativa de Lygia Bojunga Nunes, Os colegas, têm dois cachorros, Virinha e Latinha, a cadelinha flor-de-lis, o ursíssimo voz de cristal, o coelho cara-de-pau, o pombo João Carlos de Oliveira Brito, os tatus conhecidos por tatuzinhos Garcia.

Virinha e Latinha eram cachorros que moravam na rua, gostavam de revirar as latas de lixo em busca de ossos para alimentar-se. Eram quase da mesma altura, malhados; um tinha um rabo mais curto que o outro, uma orelha caída e uma orelha em pé; o outro tinha manchas no corpo e o sestro de piscar o olho esquerdo, além de serem aptos em tocar samba.

A cadelinha Flor era muito fina, possuidora de objetos de luxo em seu corpo, como corrente no pescoço, usava um casaco de veludo, pulseiras nas patas, com um perfume de cheiro forte e laço de fita na calda. Mas ela não gostava de usar esses objetos, queria ser livre.

Voz de cristal, sendo um urso que possuía uma voz fina como uma agulha, era muito sentimental, por tudo se derretia no choro, ficando emocionado. Ele era muito grande e o chamavam de Ursíssimo. Fugiu do jardim zoológico porque não aguentara mais, queria ser livre para poder explorar o mundo.

Cara-de-pau, um coelho que morava na roça com seus tios, quando foi abandonado (esquecido) pelos seus familiares vivia só, desconsolado da vida, andava sempre de cara fechada com raiva do mundo e sempre se exibia na expectativa de ser reencontrado por sua família, não querendo acreditar que tinha sido largado.

João Carlos de Oliveira Brito, assim que se chamava o pombo, gostava muito de estudar, usava óculos, morava na praça em um pombal, estava noivo com uma pomba camponesa e sempre a visitava na roça.

Por fim, temos os tatuzinhos Garcia, que são os personagens que cavavam os túneis, eram seis tatus e amigos de cara-de-pau, pois estudaram juntos no tempo de escola e gostavam de trabalhar em equipes.

A leitura mais atenta da narrativa de Lygia Bojunga Nunes, ou seja, *Os Colegas* nos permite aproximá-la em alguns aspectos do conto “Os músicos de Bremen”, dos irmãos Grimm. Um dos primeiros pontos de aproximação entre os textos se verifica na recorrência de animais como seus personagens, conforme evidenciamos na caracterização dos personagens feita anteriormente.

Outro ponto de aproximação entre as narrativas se observa no fato de os personagens demonstrarem o amor pela música: os personagens de Bremen eram músicos e a maioria de *Os colegas* também gostam de música, especificamente do samba, conforme se verifica no fragmento abaixo:

Enquanto flor e virinha dão os últimos retoques em tudo, voz de cristal, latinha e cara-de-pau vão à escola de samba, tocam pro pessoal, mostram que são bons de batuque, e então eles não têm remédio: arranjam tamborim, cuia e pandeiro pros três.

[...] aquele carnaval foi mesmo um estouro! Sábado, domingo, segunda e terça o bloco dos colegas brincou nas ruas, se misturando com os foliões todos, com as escolas de samba, com os frevos e com os ranchos (NUNES, 1991, p. 27- 29).

Percebemos, através desse fragmento, a inter-relação do texto de Nunes com o conto de Grimm, num indício claro do que Walty considera a seguir:

Assim como um texto se inter-relaciona com outros, no momento da produção, o texto lido também se relaciona com outros, no momento da recepção. Faz-se, pois, necessário, pensar em como se dá o processo intertextual na recepção, ouvindo a leitura de outras pessoas, inclusive a de nossos alunos. [...] o leitor projeta sobre o que lê sua vivência, seus anseios, seus temores. (WALTY, 1996, p. 37-38).

O amor pela arte (musical) se faz recorrente, portanto, nos dois textos, que ainda apresentam em comum o fato de serem personagens que foram abandonados ou que iriam ser sacrificados pelos seus donos, razão pela qual eles decidem logo ir embora. É o que ocorre com os músicos de Bremen:

[...] Estamos indo para Bremen, e de todo modo, lá ou em qualquer outro lugar, qualquer coisa é melhor que a morte. Você tem uma voz e tanto: imagine a maravilha que vai ficar a música da gente!
O galo aceitou a proposta e lá se foram os quatro um ao lado do outro (GRIMM, 2000, p. 2).

Nesse sentido, percebe-se certo tom de denúncia no conto, que deixa claro que quando atinge uma certa idade e não podem mais trabalhar, se tornam improdutíveis, passam a ser considerados inúteis. Ao invés de lucro, passam a dar prejuízo aos seus donos. Essa é, aliás, a reflexão que se deve fazer atualmente em relação ao papel do velho em nossa sociedade. A velhice tem configurado como uma espécie de estorvo para muitos segmentos familiares, daí sua condição de abandono, desrespeito e solidão que muitos enfrentam, seja dentro ou fora do ambiente familiar.

O companheirismo e a união se fazem presentes no comportamento dos personagens de ambas as narrativas. Apesar das diferenças entre eles, todos

convivem fraternalmente e é esse sentimento de união que perpassa os textos. A amizade, figura, assim, como um dos temas recorrentes nessas obras, o que as aproximam, apesar do tempo que separam essas publicações. A força do grupo é um valor que se encontra tanto nos “Músicos de Bremen” quanto em *Os colegas*.

É por meio da intertextualidade que se tem um aproveitamento maior do texto: aos poucos o leitor descobre o verdadeiro sentido do texto mantendo uma retomada do texto e sua ruptura, conforme observa Nitrini:

Todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se o da intertextualidade e a linguagem poética lê-se pelo menos, como *dupla*. (NITRINI, 1997, p.161).

Cada texto poético está exposto a criação e recriação de leitores, sendo que filmes retomam filmes poesias retomam versos ou textos alheios, assim se dar a intertextualidade.

Em relação às diferenças entre essas narrativas, verifica-se que no conto dos irmãos Grimm ocorre o abandono por parte dos donos dos animais, ou seja, os seus senhores pensam em desfazer-se deles pelo fato de estarem velhos e não servirem mais para as tarefas que prestavam, conforme identificamos no fragmento a seguir:

Um homem tinha um burro que carregou sacos para o moinho sem reclamar durante tantos e tantos anos que no fim de suas forças se acabaram e sobrou apenas um enorme cansaço. Agora, para ele, todo trabalhinho parecia uma coisa impossível. Vendo aquilo, seu dono achou que era melhor economizar o feno que o burro comia, mas o burro, percebendo que as coisas estavam ficando pretas, fugiu e seguiu a estrada que ia dar em Bremen (GRIMM, 2000, p. 1).

Já na narrativa de Bojunga, alguns personagens fogem dos seus donos pelo fato de serem destratados ou se sentirem oprimidos, mesmo tendo tudo do bom e do melhor. Ou seja, estes anseiam por viver em liberdade, mesmo que fosse com dificuldade, afinal, o importante era ser feliz. Sendo assim, os textos suscitam uma reflexão em torno do tratamento dispensado aos animais. E estes funcionam muito bem como símbolos para que reflitamos sobre a necessidade de cultivarmos amizades verdadeiras e busquemos viver em união. Nesse sentido, os textos

proporcionam uma excelente reflexão de vida, valendo a pena serem lidos e apreciados tanto por alunos em formação quanto por leitores mais experientes. O senso de união que une *Os colegas* pode ser demonstrado neste fragmento:

De bem longe flor, cara-de-pau e voz de cristal tinham visto tudo acontecer – o coração pulando de susto. E foi só o caminhão sumir que eles voltaram pro barraco: estavam loucos pra esconder lá dentro aquele susto todo. [...] ficavam quietos pensando. Pensando num jeito de salvar os dois. Até que Flor não agüentou mais o nervosismo e declarou: - vamos fazer qualquer coisa! vamos pra lá! A gente arromba a porta da prisão, e enquanto eu dou umas boas mordidas nos guardas, vocês descobrem virinha e latinha, soltam eles e pronto! (NUNES, 1991, p. 36-37).

O valor da união e o senso de amizade é o que predomina na narrativa de Bojunga, valores pouco cultivados ou pouco apreciados em uma sociedade tão consumista e carente de laços afetivos. Prevalece o ter em detrimento do ser e essa reflexão parece transpassar o texto de Bojunga, consistindo esse um dos valores da obra da autora: recriar e representar situações humanas fortes que compartilhadas com o leitor através da leitura tendem possibilitar a abertura do seu horizonte de expectativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho objetivou analisar o conto “Os músicos de Bremen”, dos Irmãos Grimm e a narrativa *Os colegas*, de Lygia Bojunga Nunes, procurando evidenciar a intertextualidade entre ambos. Ao caracterizar os personagens dessas narrativas, identificamos alguns pontos de aproximação entre os mesmos.

Como vimos, na narrativa de Lygia Bojunga Nunes os animais buscam a liberdade de viver, sem seus donos; já no conto dos irmãos Grimm existe por parte dos donos o abandono dos animais, que são dispensados por estarem ficando velhos.

O gosto pela música aparece em ambas as narrativas e seus personagens são bichos, cujas experiências suscitam uma reflexão em torno do tratamento dispensado aos animais, do companheirismo e da amizade.

Esses textos proporcionam uma reflexão de vida, valendo a pena ser lidos e também apreciados tanto por alunos em formação na sala de aula como por aqueles leitores mais experientes, uma vez que despertam para os alunos um olhar crítico, possibilitando-lhes abrir novos horizontes.

A intertextualidade é identificada na narrativa de Bojunga na medida em que se observa a inter-relação entre os textos: é por meio da intertextualidade que se verifica um vínculo entre ambos. Ou seja, a maneira como os textos se mostram aproximados é onde se apresenta a intertextualidade, pois acontece uma penetração de um texto com outro.

ABSTRACT

This work aims to analyze the short story "Os músicos de Bremen", the brothers Grimm and the child's narrative *Os colegas*, Lygia Bojunga Nunes, trying to show intertextuality found between the two texts. For this, we identified and characterized the characters of these narratives, showing the points of closeness and distance between them. The counterpoint between the two narratives enables us to state that the story "The musicians of Bremen" suggests a reflection on the abandonment of animals and the place occupied by the old society, besides addressing issues like friendship and affection in human relations. The narrative of Lygia Bojunga Nunes, *colleagues*, also discusses the lack of affection and the trivialization of human relationships, thus justifying the counterpoint between the two narratives. Rationale for the study, we resorted to work Cademartori (2006), Cunha (1986), Coelho (2010), among other authors.

Keywords: children's narrative. Characters. Intertextuality.

REFERÊNCIAS

CADERMATORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CÂNDIDO, Antônio. **A personagem de ficção**. Ed. Perspectiva S. A. São Paulo. 1972.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo européias ao Brasil contemporâneo**. Barueri. São Paulo, 2010.

CUNHA, Antunes. **Literatura infantil**. Teoria e prática. Ed. Ática. São Paulo, 1986.

EVANGELISTA, Aracy Alves Martins. **Literatura infantil na escola: leitores e textos em construção**. Literatura infantil e textualidade. Intermédio. Minas Gerais, 1996.

GRIMM. **Tradução de Heloísa Janh**. São Paulo: companhia das letrinhas, 2000.

NITRINI, Sandra. **Literatura comparada**. História e crítica. São Paulo: Eduso, 1997.

NUNES, Lygia Bonjuga. **Os colegas (por) Lygia Bonjuga Nunes**, desenhos (de) Gian Calvi—24.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

TELES, Gilberto Mendonça. **A retórica do silêncio**: teoria e prática do texto literário. Ed: cultrix. São Paulo, 1979.

WALTY, Ivete Lara Camargo. **Literatura infantil na escola: leitores e textos em construção**. Diálogo entre os textos. Intermédio. Minas Gerais, 1996.

WEBGRAFIA. Disponível em: <http://lfiipe.tripod.com/lobato.htm>. Acesso em: 07 de junho de 2014.

ANEXO A: CONTO

Os músicos de Bremen

Um homem tinha um burro que carregou sacos para o moinho sem reclamar durante tantos e tantos anos que no fim suas forças se acabaram e sobrou apenas um enorme cansaço. Agora, para ele, todo trabalhinho parecia uma coisa impossível. Vendo aquilo, seu dono achou que era melhor economizar o feno que o burro comia, mas o burro, percebendo que as coisas estavam ficando pretas, fugiu e seguiu a estrada que ia dar em Bremen. “Em Bremen”, pensava ele consigo mesmo, “pelo menos vou poder arranjar um emprego de músico na banda da cidade.”

Ele mal tinha começado a andar quando encontrou, deitado no meio da estrada, um cachorro de caça que latia com dificuldade, como um animal esgotado por uma corrida além de suas forças.

— O que você tem, cachorrão, para estar latindo desse jeito? — perguntou o burro.

— Ai de mim! — disse o cachorro —, sou velho e estou ficando cada vez mais fraco. já não consigo ir à caça. por isso meu dono tentou me matar e eu tive que fugir. Mas e agora? Como vou fazer para conseguir comida?

— Sabe de uma coisa? — disse o asno. — Estou indo para Bremen para entrar na banda da cidade. Venha comigo, você também pode virar músico. Eu toco lira e você bate os címbalos.

O cachorro ficou felicíssimo com a idéia e os dois seguiram juntos pela estrada. Pouco depois encontraram um gato sentado na estrada de cara triste e ar desanimado, tão desanimado quanto três dias seguidos de chuva.

— Que é isso? O que você tem, velho Micifufe? — perguntou o burro.

— Quando você tem medo que lhe arranquem o couro, perde a vontade de rir — respondeu o bichano. — É que estou ficando velho, meus dentes estão gastos, e hoje em dia gosto mais de ronronar atrás do fogão que ficar caçando ratos, e minha dona resolveu me afogar. É

Contos de Grimm. Tradução de Heloísa Janh. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2000.

agora:

— Ora, venha conosco para Bremen. Você é especialista em música noturna, quem sabe entra na banda conosco?

O gato adorou o conselho e seguiu pela estrada com os outros: pouco depois nossos três exilados voluntários iam passando pelo quintal de uma casa e viram, no alto da porteira, um galo empoleirado cantando a plenos pulmões.

— Com esses seus berros você arrisca arrebentar o tímpano das pessoas — disse o burro. — Está acontecendo alguma coisa?

— Só estou anunciando o bom tempo — disse o galo —, já que hoje é dia de Nossa Senhora, o dia que ela lava as fraldas do Menino Jesus e depois pendura na corda para secar; mas como amanhã é domingo e a dona da casa tem convidados para a ceia, aquela malvada mandou a cozinheira me servir para as pessoas e esta noite vão cortar meu pescoço. Por isso estou cantando com todas as minhas forças, vou cantar sem parar enquanto puder.

— É muito melhor você vir conosco, Crista Vermelha! Estamos indo para Bremen, e de todo modo, lá ou em qualquer outro lugar, qualquer coisa é melhor que a morte. Você tem uma voz e tanto; imagine a maravilha que vai ficar a música da gente!

O galo aceitou a proposta e lá se foram os quatro um ao lado do outro. Evidentemente, era impossível eles chegarem em Bremen naquele mesmo dia, por isso quando anoiteceu eles pararam numa floresta para dormir. O burro e o cachorro foram se deitar debaixo de uma árvore muito grande; o gato e o galo acharam um cantinho acolhedor no meio dos galhos, só que o galo voou até a pontinha da árvore para se empoleirar, porque para ele era ali o lugar mais seguro. Antes de adormecer ele deu uma última olhadinha pelas redondezas e, pensando avistar uma luzinha brilhando ao longe, chamou seus amigos para informá-los de que com certeza lá longe, onde ele estava vendo uma luz brilhar, havia uma casa.

— Nesse caso — disse o burro —, seria melhor a gente se levantar e ir até lá, porque este nosso hotel está meio incômodo!

O cachorro, por sua vez, matutou que um ossinho ou dois, com um pouco de carne, não era coisa de se desprezar. Com isso os quatro começaram a andar na direção da luzinha que brilhava ao longe e que viram crescer à medida que se aproximavam. E foi mesmo a uma casa que eles chegaram depois de algum tempo de caminhada: uma casa de

bandidos, toda iluminada. O burro, que era o mais alto, chegou perto da janela para olhar para dentro.

— O que você está vendo, meu camarada? — perguntou o galo.

— O que estou vendo? — disse o burro. — Uma mesa bem servida, com tudo o que há de bom, pratos apetitosos e belas bebidas. Os bandidos estão se deliciando!

— A gente também ia gostar, não é mesmo? — disse o galo.

— Ah! — disse o burro. — Se desse...

Os bichos fizeram uma reunião para ver se encontravam um jeito de expulsar os bandidos da casa e acabaram encontrando. O burro ia ficar em pé nas patas de trás e apoiar as da frente na borda da janela; o cachorro ia ficar em pé nas costas do burro, o gato nas do cachorro, e o galo, batendo as asas, iria empoleirar-se na cabeça do gato. Depois que a pirâmide foi armada, como se alguém tivesse dado um sinal, os quatro começaram a tocar música ao mesmo tempo: o burro começou a zurrar com todas as suas forças, o cachorro a latir, o gato a miar e o galo a cantar lá no alto; depois eles invadiram juntos a sala pela janela estilhaçando a vidraça em mil pedacinhos. Ouvindo aquela algazarra pavorosa, os bandidos pularam de medo, imaginando que um fantasma tinha entrado na casa. Foram correndo embora para se esconder no meio da floresta, tremendo dos pés à cabeça. Os quatro companheiros puderam sentar-se à mesa e servir-se de tudo o que havia sobrado. Foi tanta a comilança que parecia que eles estavam se preparando para jejuar um mês inteiro.

Quando nossos quatro músicos acabaram de jantar, apagaram a luz e cada um foi achar um canto para dormir de acordo com seu gosto e sua natureza. O burro deitou-se no estábulo, o cachorro atrás da porta, o gato foi se acomodar no fogão, ao lado das cinzas quentes, e o galo escolheu o poleiro que o alto da porta lhe oferecia. Cansados da longa caminhada do dia, eles adormeceram em seguida. Passava de meia-noite e os bandidos, lá na floresta, viram que as luzes da casa estavam apagadas. Como tudo parecia calmo, o chefe disse aos outros:

— A gente não devia ter se assustado tanto e saído correndo daquele jeito!

Em seguida, ordenou que um de seus homens fosse dar uma olhada na situação. Ao ver que tudo estava calmo, o homem encarregado de fazer a vistoria entrou na cozinha para acender uma vela; quando chegou perto do fogão, pensou que os olhos cintilantes do gato



fossem brasas e quis acender um fósforo encostando-o neles. O gato, que não gostou nem um pouco da invenção, saltou no rosto do homem com as unhas de fora e soprando de fúria. Apavorado, o bandido deu um pulo e quis correr até a porta para poder fugir, mas o cachorro, deitado atrás da porta, pulou também e mordeu sua perna; quando o bandido conseguiu sair e quis atravessar o pátio, passou perto do estábulo e recebeu um belo coice do burro, enquanto o galo, que havia acordado com toda aquela algazarra, lá de cima do seu poleiro soltava barulhentos cocoricós.

Fugindo tão depressa quanto suas pernas lhe permitiam, o bandido correu até o chefe do bando e lhe disse:

— Nossa casa foi tomada por uma terrível feiticeira que soprou em mim e rasgou meu rosto com seus dedos pontudos. Junto à porta tem um homem armado com uma faca, que me deu um golpe na perna; fora, no pátio, há um monstro preto que me acertou uma cacetada; e no alto do telhado tem um juiz que começou a gritar: “Tragam aqui esse delinqüente!”. Tive que me mandar a toda para escapar deles.

Daquele momento em diante os bandidos não tiveram mais coragem de aparecer na casa, onde os quatro músicos da banda de Bremen se sentiram tão bem que resolveram ficar por ali mesmo. A história é esta, a última pessoa que a contou está até agora com a boca quentinha.

